

## ACÇÃO DOCENTE E O TRATAMENTO DA HETEROGENEIDADE DE NÍVEIS DE CONHECIMENTO

Amanda Carla do Nascimento Cavalcanti<sup>1</sup>

Dayane Marques da Silva<sup>2</sup>

Telma Ferraz Leal<sup>3</sup>

*Eixo temático: 9. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar*

**Resumo:** O presente trabalho buscou investigar as estratégias de uma docente do 2º ano do Ensino Fundamental para lidar com a heterogeneidade de níveis de conhecimento dos alunos. De modo específico, buscamos analisar as aulas da docente mapeando as estratégias utilizadas para lidar com a heterogeneidade das crianças e os modos como medeia as interações em situações de ensino. Para alcançarmos tais objetivos, tomamos como base os seguintes procedimentos metodológicos: analisamos o acervo de relatórios e gravações de aulas do grupo de pesquisa “Heterogeneidade e alfabetização”, mais especificamente, os relatórios e gravações de 10 observações estruturadas em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Os resultados apontaram que a docente demonstrou dificuldade no tratamento da heterogeneidade em sala de aula. Foi evidenciado um grande número de atividades feitas apenas de forma individual ou em grande grupo, não havendo agrupamentos em duplas ou em pequenos grupos. As conclusões apontam para a necessidade de formação continuada com foco nas estratégias para lidar com a heterogeneidade na alfabetização.

**Palavras-chaves:** Heterogeneidade; estratégias; práticas de ensino.

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Polivalente da escola Vila Aprendiz Contato: amandacarla.nascimento@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Contato: dayane.marquesdasilva@outlook.com

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, com Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Buenos Aires. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: telmaferrazleal36@gmail.com.

## Introdução

Diariamente os docentes passam por um grande desafio em sala de aula: realizar atividades para discentes com diferentes níveis de conhecimento, mesmo que por vezes estejam com a mesma idade. De modo geral, temos visto relatos de docentes manifestando dificuldades de trabalhar com turmas heterogêneas. As situações do ensino propostas geralmente são uniformes, não atendendo às especificidades dos alunos. Em relação a tal tema, Aquino (1998) ressalta que em lugar de ser encarada como uma dificuldade, a heterogeneidade pode ser vista como favorecimento de aprendizagens:

A heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertório, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e consequente ampliação das capacidades individuais (AQUINO 1998, p. 64).

Diante da constatação de que a heterogeneidade de níveis de conhecimento é intrínseca ao contexto escolar e que ela pode ser vista como favorecedora de aprendizagens, os docentes necessitam criar estratégias que possam incluir todos seus discentes nas atividades realizadas em sala de aula, levando em consideração o nível de conhecimento e o desenvolvimento de cada aluno.

Historicamente, no entanto, a heterogeneidade não era tratada como fenômeno intrínseco aos processos de escolarização. Eram comuns os modelos de ensino/aprendizagem pautados na transferência de saberes de professores para aluno, os quais eram entendidos como sujeitos sem conhecimentos (depósito de informações), com estratégias de ensino uniformes e repetitivas, a partir das quais os alunos apenas decoravam conteúdos. Nestas vivências escolares, o erro era entendido como algo negativo. Consequentemente, eram negligenciados os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes.

Em uma perspectiva de currículo mais problematizador e inclusivo, é preciso ter consciência de que os alunos não aprendem ao mesmo tempo, nem da mesma maneira. Os estudos de Emília Ferreiro (1985), por exemplo, acerca da teoria da psicogênese da Língua escrita, evidenciam que a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA) acontece de forma gradual e progressiva. A autora aponta a presença de diferentes conhecimentos em uma mesma turma de alfabetização.

Considerando, então, que a heterogeneidade é um fenômeno intrínseco ao processo pedagógico, que pode favorecer aprendizagens, e defendendo um currículo inclusivo, propomos, nesta pesquisa, investigar as estratégias de uma docente para lidar com tal fenômeno, buscando compreender suas dificuldades e as estratégias bem sucedidas que ela desenvolvia. Para atingir tal objetivo, nesta pesquisa a abordagem metodológica é qualitativa, de cunho documental, onde analisaremos o acervo de relatórios do grupo de pesquisa “Heterogeneidade e Alfabetização”.

## **2 Fundamentação teórica**

De etimologia grega, o radical *heterogénés* é definido como “de outro gênero, de outra natureza, de diferente raça”. No mesmo dicionário, é apresentado um sentido figurado da palavra de cunho pejorativo, indicando ausência de uniformidade e coerência, ou falta de homogeneidade e harmonia.

No campo educacional, a heterogeneidade da composição das turmas tem sido encarada como dificultadora do ensino e, muitas vezes, é apontada como uma das causas do fracasso escolar. No entanto, como é afirmado por Donadon (2012), “Os princípios democráticos e humanitários em favor dos que sofriam discriminações fizeram surgir as primeiras ideias de preparar as escolas em favor do reconhecimento da heterogeneidade em sala de aula”.

Para falar sobre heterogeneidade no ensino, é necessário caracterizar que existem vários tipos de heterogeneidade na sala de aula que trazem consequências para o processo pedagógico. Considerando tal variação, Leal, Silva e Sá (2016) apontam quatro macro categorias para tratar do tema: heterogeneidades sociais econômicas, heterogeneidades relativas a educação especial, heterogeneidades de percurso escolar e heterogeneidades individuais.

Nesta pesquisa, o foco será na categoria heterogeneidade de nível de conhecimento, que resulta de todos os outros tipos de heterogeneidade. Isto é, as diferenças de níveis de conhecimento entre os estudantes em sala de aula podem ser decorrentes das diferentes condições de acesso e permanência na escola por fatores econômicos, de fatores relativos às exclusões e impactos emocionais causados pelos preconceitos sociais e descompassos entre a cultura escolar e as identidades e expressões culturais dos estudantes, de dificuldades relativas às estratégias para lidar

com estudantes com deficiência, assim como de ocorrências na vida dos estudantes, ou seja, seus percursos de vida ou mesmo de diferenças individuais. Podem ainda, ser decorrentes do cruzamento de vários tipos de heterogeneidade.

Reconhecer tais heterogeneidades é um caminho para se traçar estratégias que favoreçam aprendizagens, sobretudo porque a cultura tradicional de um ensino homogeneizador e segregador continua muito presente na escola. Em suas considerações sobre a reprodução da desigualdade em sala de aula, Perrenoud (1995) nos traz um questionamento pertinente para a reflexão da heterogeneidade: Há indiferença às diferenças? Ele mesmo nos afirma que não há indiferença absoluta. De modo geral, os docentes reconhecem a heterogeneidade que constitui suas turmas, mas muitas vezes manifestam angústias quanto ao que fazer para garantir a aprendizagem de todos os estudantes.

Autores como Perrenoud (2000), Duran (2006), Leal (2005), Morais e Leite (2012) nos mostram diferentes abordagens para o tratamento da heterogeneidade em sala de aula. Os estudos de Perrenoud (2000) apontam para uma “Pedagogia diferenciada”. O autor defende que uma das importantes competências para administrar a heterogeneidade em sala de aula que é a de o professor criar vários instrumentos de interação que não o fixe como o único interventor. Duran (2006) traz como alternativa a “tutoria entre iguais” (tutoria entre iguais), que se caracteriza pela interação entre os pares (alunos, professores...), ou seja, um professor elege um ou mais alunos para mediar as atividades em sala de aula, promovendo assim uma aprendizagem mútua. Leal (2005) e Morais e Leite (2012) propõem diferenciação das formas de agrupamento, levando em consideração aspectos como: diagnóstico e agrupamento dos estudantes quanto aos níveis de conhecimento próximos, monitoramento de como está sendo desenvolvida a interação entre os alunos, proposição de atividades que se ajustem às necessidades dos alunos, diversificação não só das atividades, mas da forma de planejamento e organização da sala, ou seja, procura de meios para atender todos ao mesmo tempo.

Portanto, existem várias estratégias para lidar com a heterogeneidade em sala de aula. Para isso, é necessário que o docente tenha acesso a conhecimentos sobre as possibilidades. Neste estudo, este é o foco de reflexão, na busca de compreender as dificuldades e as estratégias bem sucedidas de uma professora

alfabetizadora.

### **3 Metodologia**

Nesta pesquisa, foi adotada uma metodologia de caráter qualitativo, a partir de análise documental. Conforme Ludke e André (1986), as pesquisas qualitativas têm características fundamentais, tais como: o ambiente natural onde acontecem os fatos são a fonte principal de dados, há maior preocupação com o processo do que com o resultado final, considera-se sempre o ponto de vista dos sujeitos participantes.

Para a produção dos dados, analisamos o acervo de relatórios de aulas do grupo de pesquisa “Heterogeneidade e alfabetização”, mais especificamente, os relatórios de 10 observações estruturadas em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Na referida pesquisa, foi utilizado um caderno de campo para diferentes anotações em cada aula, como: horário de início de cada atividade, descrição das atividades realizadas e dos modos como os estudantes estavam agrupados, impressões da observadora. As aulas também foram gravadas e transcritas para junto com as anotações do caderno de campo compor os relatórios de aulas.

O foco da nossa análise, como foi citado nos objetivos, foi investigar, a partir dos relatórios, quais estratégias a professora utilizava para o tratamento da heterogeneidade de níveis de conhecimentos dos estudantes.

### **4 Resultados e Discussão**

Nas dez aulas observadas foram identificadas treze atividades. Os dados produzidos evidenciaram que não houve estratégias de diversificar os modos de agrupar os estudantes em sala de aula. A docente realizava as atividades em grande grupo (8 atividades) ou individualmente (5 atividades). Estratégias voltadas para os agrupamentos de duplas ou pequenos grupos, muito valorizadas em estudos anteriores (LEAL, 2005, LEAL, GUERRA e LIMA, 2012), não foram observadas na prática da docente.

Das treze atividades analisadas, em cinco as crianças não alfabéticas não conseguiam realizar as atividades. Em sete, havia participação, mas sem foco nas necessidades de aprendizagem das crianças relativas ao domínio do sistema notacional. Objetivos importantes foram contemplados, mas eram sempre aqueles

que também eram necessários às crianças alfabéticas. Em nenhuma atividade foi incentivada a troca de conhecimentos entre as crianças ou mesmo a ajuda entre eles.

Após a análise de como a docente agrupou os estudantes em suas aulas, analisamos as atividades realizadas e concluímos que não houve em nenhuma aula diversificação de atividades para atender às necessidades específicas de aprendizagem das crianças, nem intervenções diferenciadas. As oito situações em que as crianças não alfabéticas puderam participar foram as que as atividades realizadas possibilitavam a participação porque não havia exigência de domínio do Sistema de Escrita.

As atividades realizadas pela docente eram em sua maioria uniformes. Objetivos importantes foram contemplados, mas outros objetivos específicos para um grupo de crianças não foram suficientemente considerados, pois em apenas uma atividade o sistema de escrita alfabética foi objetivo de ensino e na turma existia alunos não alfabéticos.

Em relação à mediação da docente nas interações de atividades coletivas realizadas, ela explorava o conteúdo, fazia alguns questionamentos para que os alunos tirassem dúvidas, mas não favorecia as interações entre eles e apresentava dificuldades para levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos. Os dois exemplos a seguir evidenciam os principais resultados da pesquisa.

Na aula 1, a docente escreveu um texto no quadro e aguardou todos os alunos copiarem. Depois, disse que o aluno que conseguisse ler poderia fazer a leitura junto com ela em voz alta. Após a leitura, ela explicou a atividade e fez perguntas para verificar se os alunos estavam entendendo o texto. Na segunda atividade, a professora deixou os discentes realizarem a leitura, mas não houve nenhuma estratégia alternativa para os alunos que não dominavam a leitura. Ressalta-se ainda a dificuldade desses alunos ao terem que copiar um texto sem dominarem o Sistema Alfabético de Escrita. Nesta aula, portanto, a professora não considerou a heterogeneidade dos alunos. Nem na atividade individual e nem na segunda atividade (em grande grupo) as crianças não alfabéticas tinham como participar.

Na quarta aula, a professora fez um círculo na sala com as cadeiras, com ajuda dos alunos. Pediu para que cada um se sentasse em um lugar e começou a aula falando para turma:

P: *A gente já trabalhou o livro “menina bonita do laço de fita”. Quem sabe recontar a história? )*

Nesse momento, a docente começou a lembrar com eles:

P: *como era a menininha?*

A: *Bem pretinha, com olhos feito jabuticaba.*

A: *Ela disse que era pretinha porque caiu em uma lata de tinta tia.*

A professora lembrou um pouco com a turma a história da menininha do laço de fita e depois falou para os discentes:

P: *Agora, vamos aprender uma nova história. O nome do livro é “Coração esperto”.*

Todos ficaram animados, para escutar a história do novo livro. A docente entregou para cada estudante o livro e pediu para que cada um realizasse a leitura do livro individualmente, para depois ela ler com todos coletivamente. Um aluno falou para a docente:

A: *Tia, eu não sei ler.*

A docente respondeu:

P: *Faça leitura das imagens.*

Depois, a docente foi para o quadro e fez a tarefa de classe. Escreveu perguntas referentes ao livro “Coração esperto”: Qual o título do livro? Nome do autor? Nome do ilustrador? E a última questão era para escrever o que o aluno entendeu do livro.

Como pode ser verificada no relato, a aula teve quatro momentos. O primeiro foi coletivo, focada no resgate de um texto lido em aula anterior. O objetivo provavelmente era estabelecer relações de intertextualidade com o livro escolhido para a aula observada. Foi uma atividade que favoreceu a participação de todos os alunos.

O segundo momento foi individual e não favorecia a participação das crianças que não estavam alfabéticas. No entanto, ao ser questionada por uma criança, a docente faz uma adaptação, tornando a atividade diversificada (leitura do texto para os alunos alfabéticos e leitura de imagens para os alunos não alfabéticos). Desse modo, foi assegurada a participação de todos, pois os conhecimentos prévios das crianças eram suficientes para que realizassem a atividade, mas não houve retomada da leitura de imagens das crianças.

O terceiro momento, em grande grupo (leitura em voz alta do texto, com discussão), possibilitou a participação de todos e provavelmente colaborou para o desenvolvimento de estratégias de compreensão de textos pelas crianças. Neste momento, as antecipações de sentido potencializadas pela leitura de imagens poderiam ter sido mobilizadas. A falta dessa retomada pode ser indício de que a adaptação da atividade não tinha uma intencionalidade clara da professora.

No quarto momento foi solicitada uma tarefa que não era possível para as crianças não alfabetizadas: responder questões por escrito. Seria necessário, neste caso, organizar agrupamentos para que as crianças tivessem ajuda para concretização da atividade proposta.

Os dois exemplos dados fornecem evidências de que a professora tinha poucas ações eficazes destinadas a favorecer a aprendizagem de todos os estudantes. No entanto, identificamos na entrevista da docente, contida no relatório que foi analisado, uma preocupação com a aprendizagem dos seus alunos e o desconhecimento de como mediar, de quais estratégias utilizar. Segundo Leal (2005, p. 91), “dentre as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos professores, podemos elencar como uma das mais relevantes e difíceis, a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar com todos ao mesmo tempo”.

Em relação à concepção de heterogeneidade, a docente disse que associava aos diferentes níveis de conhecimento que encontrava em sala de aula, mas nunca tinha tido formação no assunto.

### **Considerações Finais**

Foi possível concluir que, embora a professora tenha, na maioria das atividades, utilizado estratégias uniformes, a heterogeneidade não era totalmente desconhecida por ela. Percebemos na entrevista uma angústia relatada pela docente por perceber que não contemplava todos os alunos na aprendizagem, isso pode ser justificado por que:

Todos os professores sabem, por experiência própria, que as crianças são diferentes, que não têm os mesmos interesses, que não aprendem no mesmo ritmo, que não recebem do meio do qual provêm o mesmo capital linguístico e cultural, que nem todas são ajudadas e apoiadas pela família. Portanto, com 99 o mesmo ensino não pode adquirir ao mesmo tempo as mesmas aprendizagens [...] (PERRENOUD, 2001, p. 49).

Assim, em alguns raros momentos, era evidenciado que a docente tentava ajudar, mesmo que de forma pouco sistemática, alguns alunos que não conseguiam fazer as atividades propostas por ela.

As conclusões deste estudo, embora apontem para dificuldades da docente, podem servir de ponto de partida para se pensar na necessidade de abordar tal tema em processos de formação de professores, para que se possam garantir os direitos de aprendizagem a todas as crianças, ajudando-as a progredirem nas etapas escolares.

## Referências

AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

DURAN, D. **Tutoría entre iguales, la diversidad en positivo**. In: Revista Aula de Innovación Educativa. n. 153. jul./agos. 2006.

LEAL, T. F. **Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola**. In: MORAIS, Artur Gomes.; ALBUQUERQUE, Eliana. B. LEAL, Telma. F. (Orgs.) Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEAL, T. F. L., SILVA, E. C. N., SÁ, C. F. Heterogeneidade: do que estamos falando. In.

LEAL, T. F., SÁ, C. F., SILVA, E. C. N. (Orgs.). **Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2016. 186 p.: 08-34.

PERRENOUD, P. " **Das diferenças culturais às desigualdades escolares: A avaliação e a norma num ensino indiferenciado**". 1995; In: ALLAL L;

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. São Paulo: Artmed, 2000.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artmed, 2001. pp 15-111;

LEITE, T. M. S. B. R., MORAIS, A. G. Atendendo à diversidade: o trabalho com todas as crianças no dia a dia, usando diferentes recursos didáticos. In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a heterogeneidade em sala de aula e a diversificação das atividades: ano 3: unidade 7**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2012. pp. 19-30.